

---

## Joaquim Manuel Magalhães: 50 anos da mais radical poética da destruição

*Joaquim Manuel Magalhães: 50 years of the most radical poetics of destruction*

Tereza Tavares

*Universidade Federal Fluminense*

### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1351>

### RESUMO

O ano de 2024 marcou o cinquentenário de atividade do poeta Joaquim Manuel Magalhães, que vem desenvolvendo uma obra de grande impacto no campo literário português desde 1974, quando lançou seu primeiro livro de poesia, *Consequências do lugar*. Neste artigo, iremos apresentar uma breve linha do tempo desse reconhecido escritor e crítico português, alguns de seus mais relevantes trabalhos e poemas, buscando situá-lo no panorama poético contemporâneo de Portugal. Com uma obra muitas vezes considerada polêmica, Magalhães é, entretanto, reconhecido por sua escrita de resistência, por meio da qual assumiu, tanto no campo da criação lírica como no plano teórico da análise, um posicionamento crítico em relação à contemporaneidade, ao identificar desvios na sociedade portuguesa pós-revolucionária. Com uma linguagem sarcástica e mordaz, falou de uma realidade dominada por ruínas, tanto sociais como econômicas, realidade que se apresenta, muitas vezes, em seus poemas, através de imagens de decadência e degradação. Tal imagética deteriorada se refletiu no discurso e assumiu contornos formais impactantes quando o autor decidiu realizar literalmente a destruição de toda a sua obra pu-

blicada até 2010 ao lançar *Um toldo vermelho*, um único volume no qual reuniu apenas fragmentos de poemas publicados em 36 anos de atividade como escritor, que passaram por uma completa operação de transformação e aniquilamento, o que fez com que esse livro se tornasse um marco da chamada poética da destruição. O autor repetiu tal ação em 2018 com o livro *Para comigo e*, em 2021, com a edição de *Canoagem*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Joaquim Manuel Magalhães; Poética da destruição; Paisagem em ruínas; Poética da resistência; Poesia portuguesa contemporânea.

#### **ABSTRACT**

The year 2024 marked the fiftieth anniversary of the activity of the poet Joaquim Manuel Magalhães, who has been developing a body of work that has had a great impact on the Portuguese literary field since 1974, when he published his first book of poetry, *Consequências do lugar*. In this article, we will present a brief timeline of this renowned Portuguese writer and critic, some of his most relevant works and poems, seeking to situate him in the contemporary poetic panorama of Portugal. With a work often considered controversial, Magalhães is, however, recognized for his resistant writing, through which he assumed, both in the field of lyrical creation and in the theoretical plane of analysis, a critical position in relation to contemporaneity, by identifying deviations in post-revolutionary Portuguese society. With sarcastic and biting language, he spoke of a reality dominated by ruins, both social and economic, a reality that is often presented in his poems through images of decadence and degradation. This deteriorated imagery is reflected in the discourse and took on striking formal contours when the author decided to literally destroy all of his work published up until 2010 by releasing *Um toldo vermelho*, a single volume in which he brought together only fragments of poems published in 36 years of activity as a writer, which underwent a complete operation of transformation and annihilation, which made this book become a landmark of the so-called poetics of destruction. The author repeated this action in 2018 with the book *Para comigo e* and, in 2021, with the publication of *Canoagem*.

**KEYWORDS:** Joaquim Manuel Magalhães; Poetics of destruction; Ruined landscape; Poetics of resistance; Contemporary portuguese poetry.

## INTRODUÇÃO

Tendo lançado seu primeiro livro de poesia em 1974 (*Consequências do lugar*) e sendo integrante do grupo Cartucho, que surgiu, em 1976, através de uma inusitada forma de distribuir poemas em formato de folhas amassadas como bolas dentro de um saco de papel usado em armazéns antigos, Joaquim Manuel Magalhães (doravante JMM) desenvolveu uma obra que trouxe significativa contribuição para a poesia portuguesa contemporânea ao desestabilizar tanto a produção quanto a recepção da poesia lírica. Em 2024, JMM completou 50 anos de atuação no campo literário, momento especial para que seja reconhecido o revigorante discurso que adotou ao longo de toda a sua trajetória como poeta, desenvolvendo um trabalho marcado por um caráter contracultural, dessacralizador da poesia, do livro e da literatura.

Ao longo de todo esse período, Magalhães se destacou especialmente por adotar um tom disfórico, tanto como poeta, quanto como crítico, contrapondo-se à tradição da poesia lírica, especialmente por recuperar o paradigma da narratividade, que havia sido deixado de lado pela geração anterior, a chamada *Poesia 61*, de composição rigorosa e de extrema atenção à palavra no poema. Com uma dicção que se contrapunha ao que vinha sendo feito, Magalhães, ao adotar um discurso que se destacou por romper com o verso discursivo, alcançou um nível de extremo impacto com a publicação, em 2010, de *Um toldo vermelho*, pela editora Relógio d'Água, já que, com essa obra, promoveu uma completa substituição de tudo o que havia escrito até então.

Nessa obra, o poeta adotou uma postura radical sobre tudo o que tinha publicado até o momento, recuperou apenas fragmentos de livros anteriores e anunciou serem esses restos de poemas a sua obra completa, como esclarece em nota incluída ao final do livro, na qual diz o seguinte: “este volume constitui a minha obra poética até 2001,

a que acrescento um poema publicado em 2005. Exclui e substitui toda a anterior” (Magalhães, 2010). Assim, em *Um toldo vermelho*, o que é possível encontrar são escassas e esparsas semelhanças com poemas publicados nos livros anteriores, como em *Os dias, pequenos charcos* (1981), *Segredos, sebes, aluviões* (1985), *Uma luz com um toldo vermelho* (1990), *A poeira levada pelo vento* (1993) e *Alta noite em alta fraga* (2001). Para termos a medida dessa destruição promovida por Magalhães em sua obra, foram reproduzidas abaixo duas estrofes de *Alta noite em alta fraga*, seguidas do que sobrou delas em *Um toldo vermelho*.

[...]

Melhor seria que não me lessem nunca  
os que por costume lêem poesia.  
Muito além deles conseguir falar  
ao que chega a casa e prefere o álcool,  
a música de acaso, a sombra de alguém  
com o silêncio das situações ajustadas.

Não ser lido por quem lê. Somente  
pelos que procuram qualquer coisa  
rugosa e rápida a caminho de uma revista  
onde fotografaram todo o ludíbrio da felicidade.  
Que um poema meu lhes pudesse entregar.  
ademais da morte,  
um alívio igual ao de atirar os sapatos  
que tanto apertam os pés desencaminhados.

[...]

(Magalhães, 2001a, p. 21).

\*

(...)  
 Melhor não me lesse  
 quem por dever.  
 Conseguisse a adesão  
 do acaso. Lagar,  
 um ludíbrico.

Oferta de alívio, o atacador  
 solta o sapato desencaminhado.  
 E entretém em inferior engenho  
 o tédio prévio ao vídeo  
 e ao embaraço.  
 (...)  
 (Magalhães, 2010, p. 170).

Pertencente ao livro *Um toldo vermelho* (2010), esses versos do segundo poema apresentam-se como uma espécie de resto do que sobrou do poema original, erodido, estabelecendo uma relação de intertextualidade com as duas primeiras estrofes retiradas de *Alta noite em alta fraga* (2001). Ao fazer essa operação de arruinamento das duas primeiras estrofes, JMM produz uma nova obra a partir da sua própria, elaborando um singular processo que surpreendeu os leitores e a crítica, levando a acaloradas análises e a estudos minuciosos que discutiram a questão da referencialidade na modernidade, a partir dos conceitos desenvolvidos por Compagnon (1999), que concebe a referência como uma ilusão:

(...) a única maneira aceitável de colocar a questão das relações entre a literatura e a realidade é formulá-la em termos de ‘ilusão referencial’, ou, segundo a célebre expressão de Barthes, como um ‘efeito do real’. A questão da representação volta-se então para a do verossímil como convenção ou código partilhado pelo autor e pelo leitor (Compagnon, 1999, p. 110).

Compagnon (1999, p. 110) nos diz ainda que a questão da referência se volta para a intertextualidade – “o código é uma perspectiva de citações” –, o que permite reconhecer que a polifonia dos poemas é intrínseca justamente por sua própria constituição. O conceito da intertextualidade é indispensável para compreender a transformação ocorrida na obra de JMM desde que ele lançou *Um toldo vermelho* em 2010, isto é, 36 anos após ter saído o seu primeiro livro. Ao reduzir sua obra a fragmentos do que já havia publicado, ele introduz a destruição como um método de reescrita, dando uma nova perspectiva à sua obra, através da intertextualidade com as suas produções anteriores. Nesse sentido, é possível dizer que a questão do arruinamento em JMM passou a se configurar, desde *Um toldo vermelho* (2010), como um procedimento de criação a partir da própria obra, considerando que, para isso, a forma literária, no caso de Magalhães, não é apenas um meio de expressão, mas também uma estratégia que molda o significado, pois, como nos diz Botelho (2021, p. 96):

[...] discutir o arruinamento da escrita em Magalhães é buscar compreender o que leva o escritor a revisitar a sua obra poética, recortar o que lhe interessa, desmembrar um trabalho de décadas e, por meio de um discurso dialógico construído por palavras anteriores suas, citar a si mesmo, transformando-se em um poeta de recomeços marcados por uma radical operação de lapidação da sua poesia.

Por ocasião do lançamento de seu penúltimo livro, intitulado *Para comigo*, de 2018, terceira edição revista e modificada de *Um toldo vermelho*, JMM afirmou ter reescrito suas poesias “[...] por razões não meramente declarativas, mas morfológicas e fonéticas” (Magalhães, 2018). No entanto, essa decisão tinha motivações ainda mais profundas, pois, conforme ele mesmo explicou em entrevista que deu sobre o novo livro, ao reescrever seus poemas desejava, com essa iniciativa, “[...] conseguir recuperar um pouco da minha obra que passara

a detestar” (Magalhães, 2018). Tal atitude não surpreende quando olhamos mais de perto para suas preferências e maneira de ser, pois Magalhães, que diz detestar rotinas – “todas as rotinas de mim mesmo me inquietam” (Magalhães, 2018) –, aceitaria de bom grado um novo acordo ortográfico – “ainda gostava de passar por outro antes de morrer” (Magalhães, 2018) –, pois acredita que esse tipo de mudança nas normas de uma língua “contribui para o cérebro não se anquilosar em passados” (Magalhães, 2018)

Contrário à rotina linguística e admirador do compositor austríaco Anton Webern, conhecido pelas inovações rítmicas, timbrísticas e dinâmicas que formaram o estilo musical conhecido como serialismo, JMM expressou-se de forma inovadora em uma obra que reconhecidamente se tornou um marco na poesia contemporânea em Portugal, em função do completo arruinamento de tudo que havia escrito antes de *Um toldo vermelho* (2010).

O processo de corte e alteração de fragmentos linguísticos que empreendeu na sua escrita é considerado ainda hoje a mais audaciosa reformulação feita dentro do âmbito da escrita literária portuguesa, já que a decisão radical de arruinamento da sua obra parte da decisão de considerar que seus livros passados desapareceram para ele. “Sei que eles existiram, mas não quero saber deles” (Magalhães, 2018).

Ao rejeitar completamente o que já tinha produzido e elaborar uma poesia a partir disso, ele cria uma antipoesia, abrindo mão de modelos clássicos para arquitetar uma produção literária que adota uma nova formulação poética, que inova ao engendrar uma outra obra dentro da sua própria.

Escritor inquieto com sua linguagem lírica, ele cria outros sentidos para o que tinha escrito, rompendo com a imobilidade e o desgaste da linguagem. Mas, como diz Silvina Rodrigues Lopes (2012, p. 139), a “fala de aproximação não tem nada a dizer do poema – instaura-se

como fala: um dizer que não circula em eterna repetição do mesmo, mas produz atrito, desvio, confronto nos limites da linguagem”.

Esse atrito de que nos fala a ensaísta portuguesa pode ser encontrado não só na estrutura poética de JMM, mas também em termos discursivos de sua obra. Desde seu primeiro livro, o poeta revelou uma dimensão crítica do sujeito-lírico, que apresentava um imenso descontentamento com o real, através de uma visão distópica sobre a realidade do mundo contemporâneo. Sua crítica à sociedade atravessa toda a sua obra em busca de uma nova conjuntura, pois, como ele mesmo disse, é preciso “voltar ao real, a esse desencanto que deixou de cantar, vê-lo na figura sem espelho, na perspectiva quase de ninguém, de um corpo pronto a dizer até às manchas a exacta superfície por que vai, onde se perde. No fundo” (Magalhães, 1981, p. 13).

Refletindo sobre situações triviais e cotidianas, a poesia de JMM adota um tom depreciativo em relação à realidade circundante do morador das metrópoles, já que as imagens apresentadas levam o sujeito-lírico para um mundo de desilusão, como é possível entrever no poema a seguir, no qual JMM trata ironicamente da “beleza (...) do lustro preto dos sacos de lixo”, deixados “à porta dos hotéis, dos armazéns, das casas de comida”, versos que fazem parte do primeiro poema de “Logros”, segunda parte de *Vestígios* (1977), livro incluído em *Consequências do lugar* (2001b).

Poucas vezes a beleza terá sido tanta  
como no lustro preto dos sacos de lixo  
à porta dos hotéis, dos armazéns, das casas de comida  
nas mais pequenas horas da noite em Londres.  
Estão amontoados fechando o esterco,  
os lençóis com sangue, os restos apodrecidos,  
adesivos negros que parecem afagos.  
Os homens ao lançá-los nas fornalhas  
são erguidos a imaginações malditas,



à feroz acção de deuses nos vulcões,  
 ao odor sacrílego de alquimistas mortos.  
 Ir na luz eléctrica e ver esses maços de treva,  
 essa cor quase molhada dos plásticos  
 a parecer verniz, a parecer chamar-nos,  
 a dar-nos o sebo como se fosse a arte,  
 tem um fervor que finda o pequeno mal, a vida.  
 [...]  
 (Magalhães, 2001b, p. 97).

Segundo Alves (2013, p. 23), JMM examina o mundo com “um olhar sem condescendência sobre coisas ou pessoas ou situações. Fala da vida cotidiana, corrompida, desfigurada, absurda e solitária”. Dentro dessa perspectiva, Alves (2013, p. 22) observa ainda que “sua atenção rigorosa ao mundo exterior ao sujeito lírico(,) estabelece(ndo) com radicalidade uma visão crítica que traz à superfície do poema a certeza da desilusão frente a um presente arruinado social e mentalmente”. Tais questões se apresentam de forma expressiva em sua obra poética e podem ser identificadas no poema abaixo:

[...]  
 À casa já a demoliram. Qualquer casa  
 que sentido tem? Anoitece  
 adormecemos, voltamos a sair.  
 Às vezes acontece que nos lembra  
 uma sombra daquele sol, o resto de um comboio.  
 Mas em vão. Apenas um segundo  
 de qualquer sentimento, tal qual a casa, de fácil demolição.  
 (Magalhães, 2001a, p. 25).

### **IMAGENS EM RUÍNAS**

O processo de arruinamento, que se manifesta tanto em termos da escrita enquanto gesto destruidor, quanto no aspecto do discurs-

so poético como visão do mundo na obra de JMM, especialmente após a publicação do livro *Alta noite em alta fraga* (2001a), também se revela no tratamento que o autor aplica às imagens que constrói em seus poemas, que se constituem em verdadeiras metáforas de arruinamento, como reflexo da perspectiva de JMM sobre um mundo onde não vê mais um futuro promissor. Poética fortemente visual, ela parte de “olhares circulantes, intervalares, penetrando entre brechas do real ou manifestando-se em brechas da escrita” (Alves, 2013, p. 23), como é possível observar no poema a seguir:

[...]

Na auto-estrada já não estou mais seguro.

Ponho a música, vejo as montanhas.

E os grandes carregamentos.

Sempre a lembrar-me, sempre, do regresso.

Das paisagens esventradas por que irei passar.

Certas vezes ouço tiroteio. Nada aparece nos visores.

[...]

(Magalhães, 2001a, p. 13).

Ao partir de imagens trazidas de um cenário desolador, JMM leva-as para o campo do que não é percebido conscientemente, para dar-lhes uma dimensão imagética que reflete uma insatisfação do sujeito lírico com a realidade distópica dos tempos contemporâneos. Suas metáforas trazem a visão de um espaço totalmente destruído. Esse arruinamento expresso através de imagens é um procedimento que se mostra muito presente na obra de JMM e que produz uma fricção de sentidos extremamente elaborada, exigindo um trabalho aprofundado de análise voltado para a dimensão pictórica dessa semântica. Em *O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento* (1992), Paul Ricoeur traz um arcabouço de elementos que permitem reconhecer, analisar e interpretar o caráter figurativo das metáforas, dando condições de estudo sobre a corrente de imagens

que se desenvolve na obra de JMM, em que, como diz Ricoeur (1992, p. 151), “o discurso inicia mudanças na distância lógica, gera(ndo) proximidade”.

Formar imagens, ou imaginar, então, é o meio concreto no qual, e através do qual, vemos similaridades. Imaginar, assim, não é ter uma figura mental de alguma coisa, mas expor relações de uma maneira figurativa. Se essa descrição diz respeito a semelhanças não-expressas e não-ouvidas ou se se refere a qualidades, estruturas, localizações, situações, atitudes ou sentimentos, a cada vez a nova conexão pretendida é captada como aquilo que o ícone descreve ou retrata (Ricoeur, 1992, p. 151).

Ao identificar “beleza” no “lustro preto dos sacos de lixo” (Magalhães, 2001b, p. 97), o poeta estabelece similaridades que partem do que é o resto da sociedade para dar a esses sacos de lixo uma valorização em sinal invertido, que ecoa na sua visão crítica acerca do mundo atual e em como são tratados os indivíduos que estão à margem. JMM estabelece essa associação inicialmente de forma figurativa, para que, através da imagem de cidades degradadas, o eu lírico fale da decadência ética do ser humano nas áreas urbanas, que passa muitas vezes despercebida. Mas JMM produz uma figurativização dessas regiões, partindo de um olhar questionador sobre as situações inscritas nesses espaços deteriorados, resultantes de comunidades social e moralmente degradadas.

Através dessas imagens devastadas encontradas em seus poemas, JMM expressa a ruína que domina a sociedade contemporânea. As representações por ele criadas da capital portuguesa significam, metonimicamente, o que acontece na maioria dos grandes centros cosmopolitas, onde as desigualdades são as marcas mais visíveis do cotidiano corroído desses centros urbanos. Ele cria uma poesia extremamente imagética, na qual pode ser encontrado o retrato da dis-

paridade econômica e social, expresso através do luxo que mora sem constrangimentos ao lado de uma pobreza aviltante, como retratado no poema que abre *Alta noite em alta fraga* (2001a), “Valvulina”.

Cada próspera cidade tem no seu meio  
uma cidade de subnutrição, crianças mortas,  
desalojados, desemprego. E em cada cidade  
das mais podres há, num aro de metralhadoras,  
uma cidade da tecnologia, rara  
costura, sobre finança, e medo  
(Magalhães, 2001a, p. 9).

São essas cidades díspares, onde se ombreiam de um lado a abundância e do outro a carência absoluta e a miséria, que JMM retrata em sua produção poética. A imagem que emerge dela expressa a desigualdade presente no cotidiano das metrópoles, mas também a brutalidade do “aro das metralhadoras” (2001a, p. 9) a que a população é submetida em um cotidiano desumano e rotineiro.

[...]  
Vivemos numa época contaminada,  
Damos mostras violentas eu recuso  
O prontuário que diz, servil: a produção.  
Pressupõe. Não pressupõe?  
Uma palavra original muda-se,  
muda-se o sinal em criação, indefinida.  
[...]  
(Magalhães, 2001b, p. 101).

Ao apresentá-los como espaços urbanos contaminados e violentos, nos quais bairros e até mesmo cidades são constituídos exclusivamente de população de baixa renda, como depósitos de seres humanos desalojados de sua dignidade, o poeta expõe essa distopia reinante nos grandes centros – um problema que não é específico de

Portugal, pois pode ser encontrado na maioria das cidades grandes –, que é o do surgimento de imensos fossos sociais, resultantes de um sistema capitalista que empobrece grandes parcelas da população em detrimento de pequenos grupos que cada vez mais enriquecem.

Ao longo de *Alta noite em alta fraga* (2001a), JMM retrata também o medo que – inclusive – as classes privilegiadas passam a ter em função de todo desequilíbrio social gerado pela acumulação econômica. É o que podemos observar no poema a seguir, que trata da inquietação que se apodera de um dono de carro blindado quando ele retorna para casa.

[...]

E se os comandos do portão falharem  
ao voltar?

Se tiver de abrir o vidro blindado  
do carro? A sombra pode estar cheia.

Nós que produzimos a riqueza  
e a pobreza deles. Já não têm cor, são  
brancos ou negros, são de qualquer lado,  
e não consigo sequer imaginar  
o que fazem de dia. São da noite,  
da chuva e da noite, do pó e  
da noite.

[...]

(Magalhães, 2001a, p. 12-13).

Ao representar os aglomerados urbanos marcados pela “sombra (que) pode estar cheia” (Magalhães, 2001a, p. 13), JMM exprime visualmente no poema a distância social existente entre um dono de carro blindado e os sujeitos que “[S]ão da noite, / da chuva e da noite, do pó e / da noite” (Magalhães, 2001a, p. 13), criando uma imagem que intimida tanto quanto aterroriza a vida nas grandes cidades, mas que reflete o cotidiano inabitável das áreas urbanas. Octávio Paz, em

*O arco e a lira* (1982), diz que “à semelhança da percepção comum, a imagem poética reproduz a pluralidade da realidade” (Paz, 1982, p. 131), que se apresenta nesse poema de forma cinematograficamente crítica através da imagética inquietante, onde são refletidas situações comuns do cotidiano citadino, geradas pelos desequilíbrios presentes na sociedade contemporânea, como observado também no poema a seguir:

[...]  
A acumulação rodeia a cidade  
onde respira o calor opaco.  
Por entre escombros  
e os redutos de gente  
o líquido gasto de um esgoto  
[...]  
(Magalhães, 2001a, p. 11).

A “acumulação” rodeando a cidade, que, por sua vez, é formada de “escombros” e “redutos de gente”, constrói uma representação da periferia dos grandes aglomeramentos urbanos, separada das regiões privilegiadas que se constituíram através da acumulação de dinheiro e poder. Os versos evocam, assim, a imagem conceitual da “cidade partida”, que, segundo Moreira Junior (2010, p. 2), “rompe com a ideia de cidade como *locus* de convivência e de partilha de múltiplos territórios, acarretando a fragilidade da unidade urbana”. Ao criar essa configuração visual, JMM nos apresenta, em sua poesia, o retrato de uma cidade que constrói desigualdades sociais, produzindo consequências perversas, como as que podemos identificar no poema subsequente.

[...]  
O ódio étnico, o rodeio do nacionalismo,  
os padrões de migração que mudam

imensas cidades povoadas de despovoamento.  
Ao que governa voltará  
a intimidação e pouco a pouco  
de novo muitas das mulheres, algumas  
divergências de vontade sexual  
se tornarão ainda mais desvalidas.  
Já o senhor da árvore de grafite  
se encosta à tortura, em entre-sonho  
tudo o que virá golpear-nos a nós  
[...]  
(Magalhães, 2001a, p. 11-12).

## CONCLUSÃO

Em 50 anos de atividade literária, JMM produziu uma obra de relevância no cenário poético português. Ao investigar sua produção ao longo desse tempo, encontramos um poeta em movimento ainda hoje, que traz a marca do arruinamento em *continuum*, ao destruir o conjunto de tudo o que escreveu. O poeta iniciou esse processo de destruição com *Um toldo vermelho* (2010) e deu continuidade a ele nos livros *Para comigo* (2018) e *Canoagem* (2021), construindo um projeto de poética da ruína, no qual sua produção passa a ser de “restos” de poemas originalmente publicados, o que tornou sua obra permanentemente inacabada. Como diz Lopes (2012, p. 19), “o inacabamento de um texto é na leitura a actualidade de uma potência que não se separa do acto, embora não seja a sua determinação do exterior e nele se não conclua”.

A poética da destruição na obra de JMM também se revela no seu discurso, ao produzir uma poesia que se contrapõe às relações degradadas – apesar de naturalizadas –, existentes nos ambientes urbanos, postura que emerge também através das imagens arruinadas que traz para a superfície do texto, nas quais pode ser observada a visão de um sujeito lírico crítico da vida nas cidades. Ao tratar dessas

“imensas cidades povoadas de despovoamento” (Magalhães, 2001a, p. 12), JMM apresenta a imagética de um cotidiano perverso, mas pouco percebido no dia a dia. A força política e ética de sua poesia ressoa há 50 anos, inspirando gerações de poetas, como a de Manuel de Freitas e a da chamada geração dos “poetas sem qualidades”, que, como JMM, escrevem uma poesia de perplexidade e resistência sobre uma sociedade em ruína moral e ética. Pelo conjunto de sua obra, Magalhães tornou-se um referencial na poesia portuguesa, que, como ele próprio assinala, é

a única das artes que em Portugal tem uma tradição capaz de poder afirmá-la ao nível dos desenvolvimentos internacionais e a única que tem vindo de novo, nestas últimas décadas, a permitir um diálogo sem influências provincianizantes com outras tradições não locais e sem cair na ansiedade menor de procurar reproduzir com anos de atraso o que se faz no lá fora (Magalhães, 2018).

RECEBIDO: 09/12/2025

APROVADO: 16/01/2025

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Olhares contemporâneos de Sebastião Uchoa Leite e Joaquim Manuel Magalhães. *Revista Signótica*, Goiás, v. 25, n. 1, p. 21-33, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/25713/15414>. Acesso em: 06 ago. 2024.

BOTELHO, Ana Carolina. Imensas cidades povoadas de despovoamento. Uma análise da poética da destruição em Joaquim Manuel Magalhães. *Revista Desassossego*, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 92-106, jul./dez 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/188580>. Acesso em: 08 ago. 2024.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.



LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Belo Horizonte: Editora Chão da Feira, 2012.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Alta noite em alta fraga*. Lisboa: Relógio D`Água, 2001a.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Consequências do lugar*. Lisboa: Relógio D`Água, 2001b.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Odiaria ser um totalitário do gosto. (Entrevista concedida a) Hugo Pinto Santos. *Público*, Lisboa, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/10/26/culturaipsilon/noticia/magalhaes-1848390>. Acesso em: 06 ago. 2024.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dias, pequenos charcos*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Um toldo vermelho*. Lisboa: Relógio D`Água, 2010.

MOREIRA JÚNIOR, Orlando. Cidade partida: segregação induzida e auto-segregação urbana. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 11, n. 33, p. 1-10, mar. 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15899/8974>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

RICOEUR, Paul. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, Sheldon (org.). *Da metáfora*. São Paulo: Editora da PUC/SP (Educ) e Pontes, 1992. p. 145-160.

### **MINICURRÍCULO**

**TEREZA TAVARES** é doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF) e integrante do grupo de pesquisa Vozes portuguesas: o mito e a construção do imaginário português em Teolinda Gersão. É Mestre em Estudos de Literatura também pela UFF. Foi pesquisadora do Polo de Pesquisas Luso-brasileiras (PPLB) do Real Gabinete Português de Leitura/Fundação Gulbenkian e professora concursada do município do Rio de Janeiro.